

DE ALUNO À PROFESSOR: contribuições acerca da form(a)ção do docente

JOÃO RODRIGUES BRAGA DA SILVA - ID¹

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

rodrigo_brag@hotmail.com

JOSANDRA ARAÚJO BARRETO DE MELO

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

ajosandra@yahoo.com.br

ÉRICKA ARAÚJO SANTOS

E. E. E. M. Severino Cabral

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se apresenta com uma reflexão continuada acerca da transição do aluno do Ensino Médio para o Ensino Superior (no Curso de Licenciatura em Geografia) e seu retorno à sala de aula na condição de professor. Dessa forma, partimos da necessidade de constituir uma sistematização do conhecimento geográfico que possibilite a fixação objetiva do que foi desenvolvido no Ensino Médio e Acadêmico. Isto posto, no intuito de contribuir na formação de um espírito investigativo por parte do aluno que transita do Ensino Médio para o Ensino Superior.

Este espírito investigativo deve ser motivado pelo professor para quando o aluno conseguir ingressar no ensino superior não encontre-se tão desprovidos de conhecimento os científicos. Diante disso indaga-se: Quais as dificuldades de se retomar o conhecimento geográfico do Ensino Médio na Academia? Como repassar para os alunos do ensino médio o conhecimento adquirido na academia sem cair nos velhos paradigmas da Geografia? Buscando vislumbrar possíveis respostas propomos uma reflexão acerca da construção de um pensamento geográfico e a formação do docente.

Procuramos aqui evidenciar e, por conseguinte, compreender algumas lacunas da prática pedagógica geográfica no Ensino Médio, nas escolas pública,

¹ ID – Iniciação à Docência

através da análise do programa dos PCNs concernente a terceira série do Ensino Médio. Buscamos assim, contribuir através de algumas propostas metodológicas na form(ação) do pensamento geográfico a partir da constituição sistêmica do conhecimento geográfico. Isso posto, no intuito de fortalecer a identidade social da ciência geográfica procurando consolidar o processo de ensino-aprendizagem onde os alunos devem compreender os fenômenos geográficos de forma mais simples a partir da vivência.

Este trabalho pode ser compreendido como proposta propedêutica com fins a contribuir na formação do espírito investigativo do aluno que transita do Ensino Médio para a Academia e da Academia para o Ensino Médio na condição de professor ou futuro professor.

2. METODOLOGIA

A reflexão aqui proposta assenta-se numa dialética entre o valor quantitativo e qualitativo do planejamento de ensino, na medida em que, “[...] quantitativamente o acesso à escolarização obrigatória tem acontecido, [e] por outro lado, a qualidade da aprendizagem é precária [...]” (KIMURA, 2008, p.12). Equilibrar, qualitativamente, as ações de planejamento de ensino é condição fundamental para alcançarmos um ensino coerente não só com as demandas materiais das pessoas como a formação que visa um emprego, mas também a formação humana e cidadã das pessoas.

Sugerimos como proposta metodológica a desnaturalização do olhar do aluno de geografia através de uma observação pensante. É necessário que o professor de geografia a partir dos conhecimentos adquirido na academia desenvolva formas de aguçar nos seus alunos e alunas a prática do “olhar pensante”. Sobre isto discorreremos a seguir.

O ver e o olhar também comungam nesse direcionamento do “olhar pensante”. A busca é para que superemos o nosso “*self deception*”, utilizando de uma categoria de Edgar Morin apresentada na obra “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, nela Morin fala de nossa capacidade de criarmos falsas verdades para nós mesmos, conceito esse que comunga com a expressão de Madalena Freire, “olhar de monólogo”, através do qual apenas enxergamos aquilo que gostaríamos de ver.

Para Madalena Freire (2003, p.10), “Ver e Ouvir demandam implicação, entrega ao outro. [...]”, daí decorre que o direcionamento para a construção desse olhar que consolida a aula e/ou a aprendizagem, no ambiente da sala de aula o desenvolvimento do conhecimento se faz nas trocas realizadas entre os alunos e professores, por vezes re-produzimos nossa capacidade de “*self deception*”, criando falsas verdades para nós no intuito de fugirmos das frustrações, das decepções que a fala do “Outro” pode nos trazer..

Por trás da inércia dos sistemas de ensino e das políticas públicas educacionais, os quais, em conjunto, possibilitaram a instituição de paradigmas “engessados”, se posicionam toda uma gama de intencionalidades que requerem do professor uma reflexão mais acurada, sobretudo quando este último almeja a construção de uma prática de ensino com fins ao “construto” libertário do aluno. Segundo Kimura (2008, p.41). “Quando se fala em educação libertadora, esta inevitavelmente se associa ao nome de Paulo Freire [...]”. E da idéia de liberdade entendemos, a construção perene de uma nova forma de representação do mundo, ou seja, permitir-se enquanto sujeito autônomo mudar, de opinião de curso e até de vida. E, para tal, “Se a idéia é desenvolver um ensino de Geografia de relevância social, é importante levar em conta o conjunto de relações que caracteriza a escola [...]” (p.44), ou seja, é nessa espacialidade relacional que a reflexão sobre as práticas de ensino e aprendizagem devem, *a priori*, ancorar-se, sem, contudo, estagnar-se.

Diante disso indaga-se: Estará o aluno que recebe estas “(en)formação” no Ensino Médio apto à ler a realidade que o circunda e, *a posteriori*, será ele capaz de fazer-se compreendido aos seus pares? O professor de geografia precisa corroborar com a desnaturalização do olhar do aluno e fazer emergir daí um espírito investigativo. Sob esta condição sim ele encontrará possibilidade efetiva de um novo saber-fazer para ele proposto uma vez que adentre a Academia.

Percebe-se a difícil tarefa do professor que busca levar a seus alunos formas inovadoras de ler a realidade espacial que o circunda, já que “uma parte dos professores não incorporou os novos referencias por falta de arcabouço teórico-metodológico” (ALBUQUERQUE, 2011, p.26).

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Na Universidade institucionalizada no século XIX, a geografia se preocupava em catalogar várias áreas do globo terrestre, ocupando-se com aspecto meramente informativo: político ideológico. Essa catalogação ajudava o processo de colonização apontando o que se poderia ser extraída dos países conquistados.

A Geografia quanto unidade se classifica como ciência social na medida em que mantém seu foco na leitura da formação da sociedade e nos tipos de intervenção desta na natureza. Para isso, o geógrafo necessitava tanto dos dados qualitativos quanto dos quantitativos da ação do homem sobre o espaço, para que possa mesurar a capacidade e controle de intervenção.

A compreensão epistêmica da Geografia nos permite criar elos entre o Ensino Médio e a Academia que muitas vezes encontram-se “desconectadas”, travadas em um cabo-de-guerra entre a Geografia Academia e a Geografia Escolar. Esse impasse acaba por dificultar a vida do estudante que busca uma vivência acadêmica e deixam temerosos os que pretendem retornar para a escola como professores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões relacionadas a transição do alunos entre: Ensino Médio – Universidade – Ensino Médio, precisa ser objeto de reflexão não só pelo professor de geografia, mas por parte de todos os docentes de uma maneira geral. Estas reflexões precisam ser socializadas no âmbito da escola, extrapolar as paredes da academia e que esta seja efetivamente o palco das discussões inerentes dos anseios da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Século de prática de ensino de geografia: permanências e mudanças. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia**: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Penso, 2011, p. 14-30.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico**: questões e respostas. São Paulo: Contexto, 2008.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão**: Instrumentos Metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação de futuro**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2007.